

A CONFIGURAÇÃO E (RE) CONFIGURAÇÃO DA IMAGEM DO DOCENTE NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO DISCENTE NO CONTO “OS DESASTRES DE SOFIA” DE CLARICE LISPECTOR

Vagner Aparecido de Moura¹
Doutorando em Letras (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Cleide Aparecida de Moura
Graduada em Letras²

RESUMO

Na contemporaneidade, nossa motivação como pesquisadores é a de observarmos a relevância do imaginário social no processo de ressignificação de valores culturais e históricos que perpassam nossas relações intersubjetivas. Sendo cômico desse postulado e da observação “in loco” de nosso ambiente de trabalho (instituição escolar), em relação às representações que se constituem, o presente artigo propõe, por meio de uma perspectiva transdisciplinar – alicerçada nos autores Bachelard (1996), Candau (2011), Candido (2007), Freire (1979), Muxel (1996) e Santaella (2007), um estudo comparativo entre as relações intersubjetivas (docente e discente) que se materializam na contemporaneidade e as constituídas pelo imaginário social brasileiro, neste caso, particularmente, temos como foco o conto “Os desastres de Sofia”, de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Imagem. Imaginário social. Intersubjetividade. Professor.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros.
Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhado a pena nas trevas do presente.
(AGAMBEN, 2009, pp. 62-3).

É olhar a obscuridade como um processo que demanda do ator social uma observação acurada das mediações simbólicas que perpassam as relações intersubjetivas que, de acordo com Merleau-ponty (1999), é resultado da comunicação natural que nasce junto às maneira/aos modos de expressão do Outro. Na tentativa de compreender os modos de expressão do Outro, observamos (como pesquisadores), na sociedade contemporânea, um processo que duas subjetividades experimentam/vivenciam, conforme Villaça (1999, p.102),

¹ Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP), bolsista CNPq de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP

² Bacharelado em Direito pela Universidade de Guarulhos (UNG), Graduação em Letras/UNICID e em Pedagogia/UNIBAN. Docente da rede pública do Estado de São Paulo e da rede pública Municipal de São Paulo.

“a instabilidade e a dinâmica complexa, bioideológica, pela qual o sujeito é marcado: múltiplo, estigmatizado pela falta, descentrado, uma verdadeira estrutura dissipativa em que ordem e desperdício se conjugam”, em virtude do devir das metamorfoses, provocadas pela revolução da informação e por mudanças culturais ao longo dos séculos XIX e XX, que implicaram múltiplas formas de expressão por intermédios dos dispositivos tecnológicos.

Deve-se enfatizar que, nesse novo cenário, as subjetividades não mais correspondem, segundo Santaella (2007, p. 85), “a um sujeito racional, reflexivo, senhor do comando do pensamento e da ação, cujos pressupostos atravessaram as filosofias kantianas, hegelianas, fenomenológicas e até a existencialista”, visto que emergiram novas imagens de subjetividades ancoradas na multiplicidade, na heterogeneidade, na flexibilidade e na fragmentação que nos possibilita a postular que a subjetividade, *a posteriori* de Descartes, é “distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem etc”. (SANTAELLA, 2007, p.86)

Logo, as relações intersubjetivas tornam-se lócus em que se observa uma teia de significados, constituídos por um imaginário social o qual está atrelado à capacidade imaginária dos atores sociais como sujeitos históricos de estabelecer seus respectivos valores, instituições tendo como ponto de partida os significados que lhe são atribuídos. E devemos salientar que o imaginário cultural fomenta a relevância da memória no processo de construção e (des)construção de uma imagem e de sua influência na construção de identidade do Outro.

Bosi (1994, p. 55) corrobora nossas inferências ponderando que

[...] na maior parte das vezes lembrar, não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55)

O conjunto de representações sociais não só povoam a nossa consciência atual, mas também engendram questionamentos, quando estamos dispostos a observar de forma atenta os fatos que nos cercam diariamente. Nesse processo de observação, (enfatizamos as representações que se constituem em nosso ambiente de trabalho [instituição escolar]), veio à tona o seguinte questionamento: o imaginário social da carreira docente exerce alguma influência nas relações que se constroem em sala de aula entre docente e discente dia a dia?; a

imagem do professor exerce, na contemporaneidade, influência no processo psíquico de elaboração do ideal de “Eu” do discente?

Para lograr êxito nesta empreitada, o artigo propõe, por meio de uma perspectiva transdisciplinar, um estudo comparativo entre relações intersubjetivas (entre docente e discente) que se materializam na contemporaneidade e as constituídas pelo imaginário social brasileiro, neste caso particularmente temos como foco o conto “Os desastres de Sofia”, de Clarice Lispector, visto que a personagem de ficção, segundo Candido (2007, p.26), reúne

[...] a maior significação; e paradoxalmente, também maior riqueza – não por serem mais ricas do que as pessoas reais, e sim em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade num padrão firme e consistente. Antes de tudo, porém, a ficção é único lugar em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos: de seres totalmente projetados por orações. (CANDIDO, 2007, p.26)

Notamos que a Literatura possibilitará a nós, como pesquisadores, transitar por áreas díspares do saber como: Antropologia, Análise do Discurso, Educação com fulcro de não só fornecer uma análise crítica e reflexiva do conto, como também estabelecer uma relação entre estes dois cenários (realidade *versus* ficção).

Situando a análise do conto: “Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário era tudo o que sabíamos dele”. (LISPECTOR, 1998, p. 98)

Sofia, aos treze anos de idade, descreve seu professor como “(..). gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano”. E ao mesmo tempo diz que

[...] era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho: “ Cale-se ou expulso a senhora da sala”. (LISPECTOR 1998, p.98)

Essas reminiscências apresentadas pela personagem no início do conto (refere-se à época em que tinha nove anos) leva-nos a perceber, ao longo do texto, que a autora utilizou o dispositivo da digressão para estabelecer relações entre os fatos narrados no passado e

interrelacioná-los com o presente, que, desta forma, possibilita a personagem perpassar um amadurecimento na presença do coenunciador, visto que o leitor torna-se analista e a personagem analisanda. Devemos enfatizar que esse processo digressivo é ancorado na memória a qual, de acordo com Muxel (1996, p.230), “atua no trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade”.

Nesse processo, temos como objetivo analisar a relação intersubjetiva que se estabelece entre Sofia e seu professor, particularmente, as fases em que o conto nos apresenta o processo de configuração e (re)configuração da imagem do professor na vida de pré-adolescente e suas influências na constituição de sua identidade. Tal percurso é possível, visto que conseguimos notar de forma clara e objetiva, ao longo do conto, “a dialética da memória e da identidade que se conjugam, nutrem-se, mutuamente, apoiam-se uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”; em outras palavras, percebemos o processo de subjetivação que é dialógico e socialmente construído por nosso imaginário e valoração que lhes atribuímos em nossas mediações simbólicas de acordo com o contexto. (CANDAUI, 2011, p.16).

Sofia estabelece uma relação com seu professor ancorada em uma dicotomia: amor *versus* ódio, ao mencionar que

[...] eu me tornara o seu demônio e tormento, símbolo do inferno que devia ser para ele ensinar aquela turma risonha de desinteressados. Tornara-se um prazer já terrível o de não deixá-lo em paz. O jogo, como sempre, me fascinava. Sem saber que eu obedecia as velhas tradições, mas com uma sabedoria com que os ruins já nascem – aqueles ruins que roem as unhas de espanto – sem saber que obedecia a uma das coisas que mais acontecem no mundo, eu estava sendo a prostituta e ele o santo. (LISPECTOR, 1998, pp. 98-99)

[...] Estudar eu não estudava, confiava na minha vadiação sempre bem-sucedida e que também ela o professor tomava como mais uma provocação da menina odiosa. Nisso ele tinha razão. A verdade é que não me sobrava tempo para estudar [...]

A relação entre prostituta e santo leva-nos a depreender que, entre as personagens (Sofia e o professor), as relações intersubjetivas são enviesadas por relações de poder no momento das mediações simbólicas (a qual entendemos como constructo sócio-cultural), já que Sofia representa a transgressão ao se autodenominar prostituta, uma vez que rompe o símbolo da autoridade da imagem do professor que deve ser respeitada. Sofia corrobora nossas inferências, ao ponderar

[...] o professor tivera a falta de sorte de ter sido logo a mais imprudente quem ficara sozinha com ele nos seus ermos. Por mais arriscado que fosse o meu lado, eu era obrigada a arrastá-lo para o meu lado, pois o dele era mortal. Era o que eu fazia, como uma criança oportuna puxa um grande pela abra do paletó. Ele não olhava para trás, não perguntava o que eu queria, e livrava-se de mim com um safanão. Eu continuava a puxá-lo pelo paletó, meu único instrumento era a insistência. E disso tudo ele só percebia que eu lhe rasgava os bolsos. É verdade que nem eu mesma sabia ao certo o que fazia minha vida com o professor invisível. (LISPECTOR, 1998, p.99)

Esse processo hermenêutico justifica-se pelo fato de que as personagens, conforme Candido (2007), são intencionais e autônomas projetadas em orações, as quais constituem discursos e inserem-se em uma formação discursiva, na qual a personagem é um ser heterogêneo, clivado, dividido, ou seja, o Eu perde sua centralidade, deixando de ser o senhor de si, uma vez que o desconhecido, o Outro/inconsciente passa a fazer parte de sua identidade. Essa heterogeneidade mostrada pela personagem, por meio de seu ato enunciativo, tem a função de mostrar ao co-enunciador, segundo Authier-Revuz (1982 citado por MUSSALIM 2003, p.134), “a tentativa de explicitar a presença de Outro no fio discursivo, numa tentativa de harmonizar as diferentes vozes que atravessam o discurso numa busca pela unidade, mesmo que ilusória”.

Nesse mosaico discursivo, a personagem, ao completar treze anos de idade, principia a harmonizar as diversas vozes que perpassam suas reminiscências para construir uma unidade, mesmo que ilusória, no momento em que percebe que seu comportamento:

[...] Não era para irritar o professor que eu não estudava: só tinha tempo de crescer. O que eu fazia para todos os lados, com uma falta de graça que mais parecia resultado de um erro de cálculo: as pernas não combinavam com os olhos e a boca era emocionada enquanto as mãos se esgalhavam sujas – na minha pressa eu crescia sem saber para onde. O fato de um retrato da época me revelar, ao contrário, uma menina bem plantada, selvagem e suave, com olhos pensativos embaixo da franja pesada, esse retrato real não me desmente, só faz revelar uma fantasmagórica estranha que não compreenderia se fosse sua mãe. Só muito depois, tendo finalmente me organizado em corpo e sentindo-me fundamentalmente mais garantida, pude me aventurar e estudar um pouco; antes porém, eu não podia me arriscar a aprender, não queria me disturbar – tomava intuitivo cuidado com o que eu era, já que não sabia o que era, com vaidade cultivava a integridade da ignorância. (LISPECTOR, 1998, p.100)

Sofia complementa

[...] Foi pena não ter chegado a ver aquilo em que quatro anos depois inesperadamente eu tornar-me-ia: aos treze anos, de mãos limpas, banho tomado, toda composta e bonitinha, ele me teria visto como um cromo de Natal à varanda de um sobrado. Mas, em vez dele, passara embaixo um ex-amiguinho meu, gritando alto meu nome, sem perceber que eu não já não era mais um moleque e sim uma jovem digna cujo nome não pode mais ser berrado pelas calçadas de uma cidade. “Que é?”, indaguei do intruso com a maior frieza. Recebi então como resposta gritada a notícia de que o professor morrera naquela madrugada. E branca, de olhos muitos abertos, eu olhara a rua vertiginosa a meus pés. Minha compostura quebrada como a de uma boneca partida. (LISPECTOR, 1998, p.100)

Nesse momento, observa que a busca pelos fatos passados (memória) pode ameaçar, perturbar e até malograr o processo de subjetivação da personagem, no momento em que o aparelho psíquico vivencia conflitos constantes a respeito de seu comportamento e valoração atribuída a ele em determinados contextos, gerando angústia e mal-estar. Em contrapartida, se o sujeito, de acordo com Chiva (1990 citado por CANDAU, 2011, p.16), “desenvolver a capacidade de permanecer consciente de sua vida por meio das mudanças, crises e rupturas”, e, assim, o sujeito pode configurar e (re)configurar os fatos, as pessoas que marcaram nossa trajetória e de uma alguma forma contribuíram para o processo de subjetivação.

No caso do conto, a Sofia tem anuência das metamorfoses, das rupturas que ocorreram em sua vida, já que vivencia um processo contínuo de aprendizagem, o que permitiu, em um segundo momento, (re)valorar as impressões que tinha de seu professor, no momento em que buscou, em suas lembranças, fatos positivos da imagem do professor de quatro anos atrás. Segue o excerto:

[...] Voltando a quatro anos atrás. Foi talvez por tudo o que contei, misturado e em conjunto, que escrevi a composição que o professor mandara, ponto de desenlace dessa história e começo de outras. Ou foi apenas por pressa de acabar de qualquer modo o dever para poder brincar no parque.

– Vou contar uma história, disse ele, e vocês façam a composição. Mas usando as palavras de vocês. Quem for acabando não precisa esperar pela sineta, já pode ir para o recreio. O que ele contou: um homem muito pobre sonhara que descobriu um tesouro e ficara muito rico; acordando, arrumara sua trouxa, saíra em busca do tesouro; andara o mundo inteiro e continuava sem achar o tesouro; cansado, voltara para a sua pobre, pobre casinha; e como não tinha o que comer começara a plantar no seu pobre quintal; tanto plantara, tanto colhera, tanto começara a vender que terminou ficando muito rico. (LISPECTOR, 1998, p.100)

Ao trazer à tona as lembranças, Sofia pontua que foi a primeira entregar a redação ao professor, pois queria demonstrar ao mestre sua rapidez, qualidade que lhe parecia essencial para se viver, porém, na práxis do cotidiano, o professor recebeu e não lhe disse nenhum elogio. Sofia salienta como se deu o processo da escrita:

A história que eu transcrevera em minhas próprias palavras era igual a que ele contara. Só que naquela época eu estava começando a “tirar a moral das histórias”, o que me santificava, mais tarde ameaçaria sufocar-me em rigidez. Com alguma faceirice, pois havia acrescentado as frases finais. Frases que horas depois eu lia e relia para ver o que nelas haveria de tão poderoso a ponto de enfim ter provocado o homem de um modo como eu própria não conseguia até então. Provavelmente, o que o professor quisera deixar implícito na sua história triste é que o trabalho árduo era o único modo de se chegar a fortuna. Mas levemente eu concluíra pela moral oposta: alguma coisa sobre o tesouro que se disfarça, que está onde menos se espera, que é só descobrir [...] (LISPECTOR, 1998, p.101)

O que parecia ser mais uma provocação da aluna que gostava de atormentar a vida do professor, segue outro rumo a partir do momento em que resolve retornar à sala de aula para buscar sua carteira para mostrar ao caseiro (amigo e protetor). Na sala de aula, ambos trocam olhares e mantiveram um diálogo que abalou a psique de Sofia, como mostram os excertos abaixo:

[...] Calmo como antes de friamente, ele disse:
– Chegue mais perto...

[...] Pegue o seu caderno... acrescentou ele
A surpresa me fez subitamente olhá-lo. Era só isso, então? O alívio inesperado foi quase mais chocante que o meu susto anterior. Avancei um passo, estendi a mão gaguejante.
Mas o professor ficou imóvel e não entregou o caderno.

[...] ele me olhava manso, curioso, com os olhos despenteados como se tivesse acordado. Iria me amassar com mão inesperada? Ou exigir que eu me ajoelhasse e pedisse perdão. Meu fio de esperança era que ele não soubesse o que eu tinha feito, assim como eu mesma já não sabia, na verdade eu nunca soubera. (LISPECTOR, 1998, pp.102-103)

O momento de interlocução entre as personagens:

[...] como é que veio a ideia do tesouro que se disfarça? (fala do professor)

[...] o tesouro que está escondido onde menos se espera. Que é só descobrir. Quem lhe disse isso? (fala do professor)

[...] Ninguém ora... respondi mancando. Eu mesma inventei, disse trêmula mas já recomeçando a cintilar. (Sofia)

[...] então ele disse, usando pela primeira vez o sorriso que aprendera:

[...] sua composição de tesouro está tão bonita. O tesouro que é só descobrir. Você... ele nada acrescentou por um momento. Perscrutou-me suave, indiscreto, tão meu íntimo como se ele fosse o meu coração. Você é uma menina muito engraçada, disse afinal. (LISPECTOR, 1998, pp. 103-104)

Os diálogos explicitados evidenciam que a personagem vivencia uma simbiose de sentimentos: inocência *versus* maledicência, ignorância *versus* sabedoria, em virtude do fato de que teve a sensação de ser lubridiada, visto que o professor tinha acreditado em sua história. Sofia nos diz que

[...] eu tinha consciência de ser uma criança, o que explicava todos os meus graves defeitos, e pusera tanta fé em um dia crescer – e aquele homem grande se deixara enganar por uma menina safadinha. Ele matava em mim pela primeira vez a minha fé nos adultos: também ele um homem, acredita como eu nas grandes mentiras. (LISPECTOR, 1998, p.105)

E complementa que

[...] eu havia depositado a esperança de redenção nos adultos. A necessidade de acreditar na minha bondade futura fazia com que eu venerasse os grandes, que eu fizera à minha imagem, mas a uma imagem de mim enfim purificada pela penitência do crescimento, enfim liberta da alma suja de menina. E tudo isso o professor agora destruía, e destruía meu amor por ele e por mim. Minha salvação será impossível: aquele homem também era eu. Meu amargo ídolo que caíra ingenuamente nas artimanhas de uma criança confusa e sem candura, e que se deixara docilmente guiar pela minha diabólica inocência... com a mão apertando a boca, eu corria pela poeira do parque.

Quando enfim me dei conta de estar bem longe da órbita do professor, sofri exausta a corrida e quase a cair encostei-me em todo o meu peso no tronco de uma árvore, respirando alto, respirando. Ali fiquei ofegante e de olhos fechados, sentindo na boca o amargo empoeirado do tronco, os dedos mecanicamente passando e repassando pelo duro entalhe de um coração com flecha. E de repente, apertando os olhos fechados, gemi entendendo um pouco mais: estaria ele querendo dizer que... que eu era um tesouro disfarçado? O tesouro onde menos se espera... Oh não, não coitadinho dele, coitadinho daquele rei da Criação, de tal modo precisa... de quê? de que precisaria ele? ... que até eu me transformara em tesouro. (LISPECTOR, 1998, pp.105-106)

Fica evidente que o imaginário social do professor autoritário e distante de seus alunos vai se (re)configurando, quando Sofia percebe o sentimento de estar junto de seu mestre, o que lhe propicia engendrar questionamentos “[...] eu era um tesouro disfarçado?”, nota-se que nesse processo as lembranças suscitadas pela personagem “não são representações exatas de seu passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem a sua identidade e aspirações atuais”. (THOMSON, 1997, p. 57)

Sofia não só materializa a (re)configuração da imagem do professor, mas também pontua a sua influência sobre o processo de constituição de identidade, ao dizer no final do conto que: “[...] por ele me ter permitido que eu o fizesse enfim sorrir, por isso ele me anunciara. Ele acabara de me transformar em mais do que o rei da Criação: fizera de mim a mulher do rei da Criação [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 107).

Nesse contexto, a imagem do professor exerce as prerrogativas do papel da educação que, segundo Rodrigues (2001), é atuar sobre os meios para a reprodução de vida, bem como cooperar para ampliar a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do Outro, formar sua própria identidade e diferenciar as semelhanças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos possibilitando, assim, uma educação, conforme Freire (1979, p.81), “como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo com uma realidade ausente de homens”.

Devemos ressaltar que, no conto, o professor, nas palavras de Santana e Dutra (2010, p.12), “não é nomeado e poderíamos entender tal fato como a intenção de Lispector em generalizar personagens no âmbito universal e não individualizá-los em suas atitudes”. Essa generalização, categoria social professor, possibilita-nos transitar da ficção para a realidade e, sendo assim, estabelecer uma correlação entre as similitudes das relações intersubjetivas entre docente e discente em sala de aula com o conto de Clarice Lispector.

Observamos que imaginário social do professor na contemporaneidade também é marcado de contradições que são oriundas de fatores econômico, social e cultural: autoridade *versus* estar junto; tradicional *versus* construtivista. Nesse cenário, Charlot (2008, p. 21) pondera que a categoria social professor na contemporaneidade é:

[...] é uma figura simbólica sobre a qual são projetadas muitas contradições econômica, social e cultural. Contudo, seria um erro considerar que as contradições enfrentadas pela professora no cotidiano, são um simples reflexo das contradições sociais. A situação é mais complexa. Existem tensões inerentes ao próprio ato de educar e

ensinar. Quando são mal geridas, essas tensões viram contradições, sofridas pelos docentes e pelos alunos. Os modos como gerem as tensões e as forma que tomam as contradições dependem da prática da professora e, também da organização escolar, do funcionamento da Instituição escolar, do que a sociedade espera dele e lhe pede. Portanto, as contradições são, ao mesmo tempo, estruturais, isto é, ligadas à própria atividade docente e sócio-histórica, uma vez que são moldadas pelas condições sociais do ensino em certa época. (CHARLOT, 2008, p. 21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as contradições que permeiam o imaginário social da figura simbólica do docente, enfatizamos a contradição que permeia o imaginário social da educação: construtivista *versus* tradicional, este confere ao professor a imagem da disciplina, do respeito, da polidez, tornando-o severo e temido por seus discentes e, além disso, o processo ensino/aprendizagem é alicerçado na explicitação do conteúdo seguida de exercícios de fixação; aquele, de acordo com Bachelard (1996), o docente não deve ser apenas de conteúdo, ou seja, de respostas (certas/erradas), mas, por outro lado, o professor que provoque questionamentos em seus aluno nesse processo de aprendizagem.

Charlot (2008, p.25) enfatiza que “quanto aos alunos, às vezes, andarão sozinhos com discreto acompanhamento da professora e, outras vezes, caminharão com a professora de mãos dadas. O mais importante é que saibam de onde vêm, por que andam e, ainda, que cheguem a algum lugar”. Tal percurso investigativo possibilita-nos observar as similitudes entre a ficção e realidade em relação à imagem do professor e sua influência na constituição da identidade do discente.

Primeiro devemos pontuar que a contradição que perpassa a ficção – estar junto *versus* autoridade – corresponde na realidade à tradicional *versus* construtivista. Enfatizamos que tais dualidades são oriundas de um imaginário social que possibilita aos atores sociais, segundo Castoriadis (1992, p.89), “instituir valores que compõem a práxis humana de significado”.

Sendo assim, podemos inferir que a categoria social – professor – é influenciada pelo imaginário social no processo de configuração e (re)configuração de sua imagem, decorrente das contradições que norteiam as relações intersubjetivas entre docente e discente. Ademais, tais contradições não impossibilitam que a imagem do professor influencie no processo psíquico de elaboração do ideal de “Eu” do discente, uma vez que o professor é a chave central do processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, A. *et al. A personagem de ficção*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 30, pp.17-31, jul/dez 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LISPECTOR, C. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In.: MUSSALIM, F e BENTES, A. C (orgs.). *Introdução á lingüística: domínios e fronteiras*. 3 ed, São Paulo: Cortez, 2003.

MUXEL, A. *Individu et memoire familiale*. Paris: Nathan, 1996.

RODRIGUES, N. Educação: Da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação e Sociedade*, Campinas: CEDES, v. 22, n. 76, pp. 2. 32-257. out. 2001.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTANA, P. M. S; DUTRA, R. L. A maturidade como psicopompo feminino no mito de Eros e psique e no conto “Os desastres de Sofia” de Clarice Lispector. *VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*, v. 02, ed 02, dez. 2010.

THOMSON, A. Reconpondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In PERELMUTTER, D. e ANTONACCI, M. A . (orgs.). *Ética e História Oral*. São Paulo. Ed. PUC/SP. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, 1997.

VILLAÇA, N. *Em pauta-Corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ABSTRACT

In the contemporary, our motivation as researchers is to look the relevance of social imaginary over in the process of reframing of cultural and historical values which permeate our intersubjective relations. Being aware of this postulate and the observation “in loco” of our work environment (school) , on regards to representations that constitute, this paper proposes, through transdisciplinary perspective (based on the following authors Bachelard (1996), Candau (2011), Candido (2007), Freire (1979), Muxel (1996) and Santaella (2007) a comparative study between intersubjective relations (teachers and pupils) that materialize in the current time and relations that constitute by brazilian social imaginary, in particular in this case, we focus on the short story “The disasters of Sofia” of Clarice Lispector

Key words: Image. Social imaginary. Intersubjetiviy. Teacher.

Envio: Maio/2013

Aprovado para publicação: Maio/2013